

Índice

Prefácio: O «Pequeno Formato» em Tchékhov	9
---	---

PEÇAS EM UM ACTO

Na Estrada Real	15
O Canto do Cisne	51
O Urso	65
O Pedido de Casamento	95
O Trágico à força	123
A Boda	135
O Aniversário do Banco	157
Os Malefícios do Tabaco	179
Notas de Tradução	189

Na Estrada Real

Estudo dramático em um acto

Título original:

На большой дороге (1884)

Personagens

TÍKHON Evstignéiev, dono de uma taberna à beira da estrada.

Semion Serguéievitch BORTSOV, latifundiário arruinado.

MARIA EGÓROVNA, mulher deste.

SAVVA, velho romeiro.

NAZÁROVNA,

EFÍMOVNA, peregrinas.

FÉDIA, operário fabril de passagem.

Egor MERIK, vagabundo.

KUZMÁ, viajante.

CARTEIRO.

COCHEIRO de Bortsova.

Peregrinos, vaqueiros, viajantes, etc.

A acção decorre numa província do Sul da Rússia.

A cena representa a taberna de Tíkhon. À direita, o balcão e as prateleiras com garrafas. Ao fundo, uma porta que dá para o exterior. Por cima dela, de fora, está pendurada uma lanterna suja. O chão e os bancos, junto às paredes, estão inteiramente ocupados por peregrinos e viandantes. Muitos, por falta de espaço, dormem sentados. Alta noite. Ao erguer do pano ouve-se um trovão e pela porta vê-se um relâmpago.

Cena I

Tíkhon está atrás do balcão. Num dos bancos, Fédia está meio deitado e toca harmónica, baixinho. Junto dele está sentado Bortsov, com um fato de Verão coçado. No chão perto do banco acomodaram-se Savva, Nazárovna e Efímovna.

EFÍMOVNA (*Para Nazárovna.*)

Mãe, sacode aí o velho! Está aí que até parece que entregou a alma ao criador.

NAZÁROVNA (*Erguendo a ponta do burel da cara de Savva.*)

Homem de Deus, ó homem de Deus! Estás vivo ou morto?

SAVVA

Porquê morto? Estou vivo, mãezinha. (*Soerguendo-se no cotovelo.*) Tapa-me aí as pernas, minha pobre! Assim. A direita mais um pouco. Isso mesmo, mãezinha. Deus te dê saúde.

NAZÁROVNA (*Tapando as pernas de Savva.*)

Dorme, meu caro.

SAVVA

Tenho algum sono? Tivesse eu paciência para suportar este tormento, e nem precisava de dormir, mãezinha. O pecador não é digno de ter sossego. Que barulho é este, peregrina?

NAZÁROVNA

Manda-nos Deus uma tempestade. O vento uiva e a chuva bate que bate. No telhado e nas vidraças parecem bagos de chumbo. Ouves? Soltaram-se as cataratas do céu.

Um trovão.

Minha Santa-Bárbara...

FÉDIA

Trojeja, uiva, e zumbe, e... nunca mais tem fim! HUUU!... parece que o bosque zumbe... HUUU... O vento uiva que parece um cão... (*Encolhe-se.*) Está frio! A roupa está tão molhada que se pode espremer, e as portas escancaradas... (*Toca baixinho.*) A minha harmónica está encharcada, cristãos, não há música; se não eu dava-lhes cá um concerto de arromba! Magnífico! Assim uma quadrilha, ou uma polca, digamos... ou uma copla russa qualquer... podemos tocar tudo isso. Na cidade, quando era moço no grande hotel, não juntava dinheiro, mas quanto a harmonia, dominava as notas todas. E também toco guitarra.

UMA VOZ AO CANTO

Quem é parvo só diz coisas parvas.

FÉDIA

É um parvo que estou a ouvir.

Pausa.

NAZÁROVNA (*Para Savva.*)

Tu, velhote, devias estar agora no quentinho, aquecer os pés.

Pausa.

Velhote! Homem de Deus! (*Empurra Savva.*) Ai, vais morrer?

FÉDIA

Tu, avozinho, devias beber uma pinga de vodca. Bebes e ela aquece no estômago, aquece, e até puxa um pouco ao coração. Bebe, anda!

NAZÁROVNA

Deixa-te de fanfarronices, rapaz! O velho está talvez a entregar a alma e a arrepender-se dos pecados, e tu com essas conversas e com a harmónica... Deixa-te de músicas! Olhos descarados!

FÉDIA

E porque é que estás a chateá-lo? Ele mal se aguenta, e tu... parvoíces de mulher... Ele não te pode dizer grosserias por ser religioso, e tu, estúpida, ficas toda contente porque ele te dá ouvidos. Dorme, avozinho, não lhe dê ouvidos! Deixá-la falar, não lhe liguês! A língua da mulher é a vassoura do diabo, varre de casa o

esperto e o sábio. Não liguês... (*Levanta os braços.*) Mas tu estás tão magro, meu caro! Horrível! Tal qual um esqueleto morto! Nem uma ponta de vida! E se tu morres mesmo?

SAVVA

Porquê morrer? Deus me livre de morrer em vão. Passo um mau bocado, mas depois levanto-me com a ajuda de Deus... A mãe de Deus não deixará que eu morra em terra alheia... Vou morrer em casa...

FÉDIA

És de longe?

SAVVA

Sou de Vologdá... vizinho dessa cidade...

FÉDIA

E onde fica essa Vologdá?

TÍKHON

Para lá de Moscovo... Província...

FÉDIA

Ui, ui, ui... Longe vieste parar, barbudo! E sempre a pé?

SAVVA

Sempre a pé, meu rapaz. Estive em casa de Tíkhon Zadonski, e agora vou para os Montes Santos... Dos Montes Santos, se Deus permitir, vou para Odest... Dizem que dali até Jerusalém nos levam barato. Acho que por vinte e um rublos...

FÉDIA

E estiveste em Moscovo?

SAVVA

Ora! Cinco vezes...

FÉDIA

É uma boa cidade? (*Acende um cigarro.*) Vale a pena?

SAVVA

Há lá muitos lugares santos, rapaz. Onde há muitos lugares santos, é sempre bom...

BORTSOV (*Aproxima-se do balcão e de Tíkhon.*)

Peço-te uma vez mais! Dá-me, por amor de Deus!

FÉDIA

O mais importante numa cidade é que haja asseio... Se há pó, molhar, se há lama, limpar. Que as casas sejam altas... haja tea-

tro, polícia... e carruagens, dessas de aluguer... Eu já vivi em cidades, sei.

BORTSOV

Um copinho... aquele pequenino. É fiado! Eu depois pago!

TÍKHON

Pois sim.

BORTSOV

Peço-te! Faz-me o favor!

TÍKHON

Desanda!

BORTSOV

Tu não me compreendes... Vê se percebes, ignorante, se nessa tua cabeça dura de mujique há nem que seja um pingo de miolos, não sou eu que peço, são as minhas entranhas, para falar como tu, como um mujique, é a minha doença que pede! Vê se percebes!

TÍKHON

Não tenho nada que perceber... Afasta-te!

BORTSOV

Se eu não beber agora, vê se percebes isto, se não satisfaço o meu desejo, sou capaz de cometer um crime. Só Deus sabe o que eu sou capaz de fazer! Tu, brutamontes, já viste na tua vida de taberna muita gente bêbeda, e ainda não percebeste que gente é essa? São doentes! Mete-os na prisão, bate-lhes, magoa-os, mas dá-lhes vodca! Peço-te encarecidamente! Faz-me o favor! Rebaixo-me! Meu Deus, como eu me rebaixo!

TÍKHON

Se deres o dinheiro, tens vodca.

BORTSOV

Onde vou eu buscar o dinheiro? Gastei tudo! Completamente! Que é que eu te posso dar? Só me ficou o sobretudo, mas não to posso dar... Não tenho nada por baixo. Queres o gorro? (*Tira o gorro e entrega-o a Tíkhon.*)

TÍKHON (*Examina o gorro.*)

Hum... Há gorros e gorros... Tem mais buracos que uma joeira.

FÉDIA (*Rindo-se.*)

É de fidalgo! É de andar com ele na rua e tirá-lo diante das *made-moiselles*. Como está? Adeus! Como passa?

TÍKHON (*Devolve o gorro a Bortsov.*)

Nem dado o quero. É uma porcaria.

BORTSOV

Não gostas? Então dá-me fiado! Quando eu voltar da cidade, trago-te os teus cinco copeques! E então podes engasgar-te com esses cinco copeques! Que te fiquem atravessados na goela! (*Tosse.*) Odeio-te!

TÍKHON (*Dá um murro no balcão.*)

Porque é que me estás a chatear? Quem és tu? Olha que vigarista! Que vieste cá fazer?

BORTSOV

Quero beber! Não sou eu que quero, é a minha doença! Compreende!

TÍKHON

Não me faças perder a paciência! Vais ligeiro para o meio da estepe!

BORTSOV

O que é que eu hei-de fazer? (*Afasta-se do balcão.*) Que fazer? (*Fica pensativo.*)

EFÍMOVNA

Isso é o impuro que te tenta. Não liguês, senhor. O maldito segreda-te: bebe! Bebe! E tu responde-lhe: não bebo! Não bebo! Ele larga-te!

FÉDIA

Tem talvez a cabeça a doer... A barriga a dar horas! (*Solta uma gargalhada.*) És um estrambólico, vossa senhoria! Deita-te e dorme! Não tens nada que estar aí especado no meio da taberna como um espantalho! Isto não é nenhuma horta!

BORTSOV (*Com raiva.*)

Cala-te! Ninguém te perguntou nada, burro!

FÉDIA

Tu fala, fala, mas não passes das marcas! Já vimos outros como tu! Há muitos desses aqui pela estrada a vaguear! Quanto ao burro, se te dou uma nas orelhas, uivas mais do que o vento. Tu é que és burro! Calhorda!

Pausa.

Canalha!